



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



ISABELLA CAROLINA GOMES CORREA MAIA
RUTH GAIA BORGES

RELAÇÕES ENTRE LAZER E GÊNERO: TENDÊNCIAS, LACUNAS E
CONTRIBUIÇÕES DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE MULHERES (2020-2025)

Ouro Preto
2026

ISABELLA CAROLINA GOMES CORREA MAIA
RUTH GAIA BORGES

RELAÇÕES ENTRE LAZER E GÊNERO: TENDÊNCIAS, LACUNAS E
CONTRIBUIÇÕES DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE MULHERES (2020-2025)

Artigo de revisão apresentado à disciplina
EFD 154 - Seminário de Conclusão de
Curso: Bacharelado, como requisito
parcial para obtenção do título de bacharel
em Educação Física pela Escola de
Educação Física da UFOP.
Orientadora: Denise Falcão

Ouro Preto
2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

B732r Borges, Ruth Gaia.

Relações entre lazer e gênero: [manuscrito]: tendências, lacunas e contribuições da produção científica sobre mulheres (2020-2025). / Ruth Gaia Borges. Isabella Carolina Gomes Correa Maia. - 2026.
32 f.: il.: gráf., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Denise Falcão.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Educação Física. Graduação em Educação Física .

1. Lazer. 2. Interseccionalidade. 3. Mulheres. 4. Gênero. I. Maia, Isabella Carolina Gomes Correa. II. Falcão, Denise. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 379.8

Bibliotecário(a) Responsável: Angela Maria Raimundo - SIAPE: 1.644.803



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE EDUCACAO FISICA
DEPARTAMENTO DE EDUCACAO FISICA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Isabella Carolina Gomes Correa Maia e Ruth Gaia Borges

Relações entre lazer e gênero: tendências, lacunas e contribuições da produção científica sobre mulheres (2020-2025)

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Educação Física

Aprovada em 22 de junho de 2026

Membros da banca

Profa. Dra. Denise Falcão - Orientadora (Universidade Federal de Minas Gerais)
Prof. Dr Bruno Ocelli (Universidade Federal de Ouro Preto)
Profa. Ma. Laura Rocha - (Instituto Federal de Minas Gerais)

Profa. Dra. Denise Falcão, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 20/07/2026



Documento assinado eletronicamente por **Albena Nunes da Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/07/2026, às 18:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1143336** e o código CRC **44127A65**.

SUMÁRIO

Sumário.....	2
Resumo.....	3
Introdução	4
Metodologia utilizada.....	7
Têndencias	9
Política.....	13
Esporte.....	15
Interseccionalidae.....	16
Trabalho.....	20
Conclusão.....	23
Referências bibliográficas	25
Anexo 1.....	27

Relações entre lazer e gênero: tendências, lacunas e contribuições da produção científica sobre mulheres (2020-2025)

Isabella Carolina Gomes Correa Maia¹

Ruth Gaia Borges²

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) Ouro Preto – MG – Brasil

Resumo: Esta é uma pesquisa de revisão bibliográfica referente às relações estabelecidas entre Lazer e Gênero, com foco nas mulheres. O objetivo central foi identificar tendências, temas recorrentes e lacunas nas publicações recentes entre 2020 a 2025, sobre lazer e gênero das revistas Licere, Rbel e Caderno de Gênero e Diversidade. Utilizando metodologias quali-quantitativas foram analisados 57 artigos. Estes foram organizados em uma macrocategoria “Lazer e Gênero” e em quatro subcategorias: Interseccionalidade, Trabalho, Esporte e Política. Os achados demonstram um aumento nas discussões interseccionais no campo do lazer, com foco especial em temáticas de raça, classe social, sexualidade e identidade de gênero. Notou-se também a predominância da autoria feminina e a expansão de estudos sobre as vivências de mulheres LGBTQIAP+. Além disso, há permanência das discussões a respeito de esporte e políticas públicas de lazer. Conclui-se que os estudos do lazer que abordam a temática de gênero, em especial as mulheres, têm incorporado ativamente perspectivas feministas críticas e interseccionais, o que contribui para a problematização das desigualdades sociais e fortalece o debate sobre o lazer como direito fundamental e prática cultural.

Palavras-chave: Lazer, Mulheres, Interseccionalidade.

Women and Leisure: Trends, Gaps, and Contributions of Gender Issues in Scientific Journal Articles

Abstract: This is a literature review concerning the relationships established between Leisure and Gender, focusing on women. The central objective was to identify trends, recurring themes, and gaps in recent publications between 2020 and 2025 on leisure and gender in the journals Licere, Rbel, and Caderno de Gênero e Diversidade. Using qualitative-quantitative methodologies, 57 articles were analyzed. These were organized into a macro-category "Leisure and Gender" and four subcategories: Intersectionality, Work, Sport, and Politics. The findings demonstrate an increase in intersectional discussions in the field of leisure, with a special focus on themes of race, social class, sexuality, and gender identity. The predominance

¹ Graduanda de Educação Física Bacharelado na Universidade Federal de Ouro Preto.
isabella.cgcm@aluno.ufop.edu.br

² Graduanda de Educação Física Bacharelado na Universidade Federal de Ouro Preto.
ruth.gaia@aluno.ufop.edu.br

of female authorship and the expansion of studies on the experiences of LGBTQIAP+ women were also noted. Furthermore, discussions regarding sport and public leisure policies remain. It is concluded that leisure studies that address gender issues, especially those concerning women, have actively incorporated critical and intersectional feminist perspectives, which contributes to problematizing social inequalities and strengthens the debate on leisure as a fundamental right and cultural practice.

Keywords: Leisure, Woman, Intersectionality.

Introdução

O que se entende sobre lazer é historicamente construído por complementaridade - uma participação conjunta nos processos de produção e reprodução da vida social - como argumenta Safiotti (1976), especialmente a partir das transformações sociais intensificadas com a modernidade e a organização do trabalho nas sociedades industriais. Nesse contexto, o lazer passa a ser compreendido em articulação com o tempo de não trabalho, como aponta Bonalume et al. (2023). Assim, o tempo de lazer é frequentemente associado ao tempo livre de obrigações, no qual o indivíduo pode fruir espontaneamente seu lazer, seu descanso, sua diversão ou entretenimento. No entanto, o lazer não pode ser compreendido como um fato social dado, entendido como algo natural, fixo ou universal, pois “participa da complexa trama histórico-social que caracteriza a vida na sociedade” (Gomes, 2011, p. 17).

O lazer é atravessado por diversos elementos sociais que o condicionam, podendo ser compreendido como uma prática social na medida em que suas diferentes formas de manifestação são estruturadas (festas, músicas, jogos, brincadeiras, danças, cinema, viagens, etc.) e reconhecidas nesse coletivo. O olhar sobre o lazer deve considerar múltiplos condicionantes, como o aspecto financeiro, a idade e o gênero (Pereira, 2019). Como parte da vida em sociedade e da formação cultural humana, é preciso compreender o lazer como necessidade humana e dimensão da cultura, levando em conta o contexto em que está inserido, isto é, seu cenário social (Gomes, 2011). Dessa forma, o acesso ao lazer e ao tempo livre evidencia, igualmente, posições de poder socialmente definidas, que envolvem tanto recursos materiais quanto simbólicos. A partir dessa perspectiva, torna-se possível compreender também a relação de gênero, (especialmente as condições das mulheres, foco deste estudo) e suas implicações nas vivências do lazer.

Partindo da compreensão do lazer como dimensão da cultura e das mulheres como protagonistas da discussão, este trabalho realiza uma investigação bibliográfica sobre a produção acadêmica no campo dos Estudos do Lazer, com foco na temática “Lazer e Gênero”. A motivação central desta revisão está no reconhecimento de que a desigualdade de gênero

atravessa diferentes aspectos da vida das mulheres, incluindo o acesso e a vivência do lazer. A pesquisa, conduzida a partir de dois periódicos especializados em Lazer e um periódico voltado para gênero e diversidade, busca verificar de que maneira se estabelece a interseção entre Lazer e Mulheres e, sobretudo, identificar quais são as principais questões abordadas pela produção científica recente no Brasil.

A desigualdade de gênero, reconhecida pela ONU (Organização das Nações Unidas) em 1975, é um forte marcador social que atravessa a vida das mulheres sustentando uma estrutura social patriarcal. Os sustentáculos dessa desigualdade se entranham por diversas áreas das vidas das sujeitas, desde o âmbito familiar e privativo até a vida pública e trabalhista. Compreendendo a complexidade das interações sociais entre sujeito/sociedade e o lazer, é reconhecível que essa mesma desigualdade também atravessa a fruição do lazer.

Segundo o Censo 2022 do IBGE, as mulheres correspondem a 51,48% da população brasileira, mas apesar de serem maioria numérica, ainda enfrentam desigualdades significativas no campo dos direitos. Considerando o lazer como um desses direitos, torna-se relevante analisar como a produção científica tem tratado essa temática, de modo a compreender o estágio atual de desenvolvimento das discussões. A revisão bibliográfica seguida de análise permite identificar tendências, recorrências e silenciamentos presentes nas pesquisas, organizando o conhecimento já produzido e evidenciando possíveis lacunas. Nesse sentido, o estudo se justifica pelo potencial de mapear e dar visibilidade às abordagens sobre lazer e mulheres no Brasil, contribuindo para ampliar e qualificar o debate acadêmico.

Essa revisão parte de uma pesquisa publicada na revista *Licere* no ano de 2021, intitulada “Os estudos sobre as mulheres no lazer nos periódicos *Licere* e *Rbel*” (Cunha e Carvalho, 2021), que investigou através de uma revisão bibliográfica das publicações a partir do primeiro ano vigente das revistas *Licere* (1998) e *Rbel* (2014) até o ano de 2020, os filtros usados incluem as palavras “Gênero”, “Mulher” e “Mulheres”. Os resultados da mesma, evidenciam um movimento importante na consolidação das pesquisas sobre lazer e gênero. Na revista *Licere*, foram identificados 22 artigos, com uma média de uma a duas publicações anuais até 2018, seguida de um aumento para duas a cinco publicações por ano a partir desse período. Esse crescimento indica uma ampliação do interesse acadêmico pela temática, refletindo maior inserção do debate nas agendas de pesquisa. Na *Rbel*, embora tenham sido encontrados apenas oito artigos, a menor quantidade se relaciona ao fato de ser uma revista mais recente; ainda assim, observa-se uma tendência de crescimento contínuo. Um aspecto particularmente relevante é que, em ambas as revistas, a maioria das autoras são mulheres, o que sugere não apenas uma presença significativa, mas uma centralidade crescente da

produção científica feminina na construção de saberes sobre lazer e gênero. Esse dado reforça a ideia de que as mulheres vêm assumindo protagonismo na formulação das discussões acadêmicas, contribuindo para tensionar desigualdades e ampliar perspectivas críticas no campo.

Esse protagonismo não apenas evidencia a ampliação da produtividade das mulheres cientistas, mas também revela um movimento de deslocamento epistemológico, no qual sujeitos historicamente marginalizados assumem o lugar de produtores de conhecimento crítico sobre suas próprias experiências, tensionando as hierarquias tradicionais da ciência e contribuindo para a democratização dos referenciais teóricos.

Para além disso, a pesquisa publicada no ano de 2021 acerca da produção de lazer e gênero, como apontado anteriormente, constata em sua conclusão que há um marco temporal em relação ao aumento nas pesquisas sobre mulheres e lazer no ano de 2010 e que a interseção entre lazer e gênero é feita tardiamente, visto que a consolidação dos estudos de gênero e de lazer, individualmente, aconteceu a partir da década de 1960. Em análise dos dados dessa mesma publicação, outros dois pontos são levantados: a quantidade de artigos sobre mulheres e gênero quando comparadas a quantidade total de artigos publicados por ano é pequena, e desses artigos, menos da metade tensionam discussões sobre a interseccionalidade. É possível inferir que há uma minoria das escritas que fazem uma tentativa de modificar a maneira de discutir gênero, a partir de um olhar diverso através da interseccionalidade.

Considerando os achados da pesquisa analisada, que evidenciam tanto o crescimento quanto às limitações da produção científica que tratam de lazer e mulheres até 2020, torna-se pertinente atualizar e ampliar a análise sobre a temática. Por isso, essa nova revisão se propõe a investigar, por meio de abordagem quali-quantitativa, as produções acadêmicas sobre mulheres e práticas de lazer publicadas em três periódicos — *Licere*, *RBEL* e *Caderno de Gênero e Diversidade*— com o intuito de mapear tendências, identificar contribuições e revelar lacunas, silêncios e desigualdades presentes nas narrativas.

Busca-se reconhecer as intersecções temáticas que atravessam esse campo (como corpo, trabalho, raça, classe, sexualidade e políticas públicas), problematizando os modos como o lazer é apresentado e discutido, apontando possíveis avanços e limites na produção acadêmica para fomentar agendas críticas que enfrentam as desigualdades de gênero e ampliem o horizonte das pesquisas sobre lazer e mulheres.

Metodologia

Esta pesquisa se enquadra nos estudos de gênero e nos estudos de lazer, sendo estruturada por uma revisão bibliográfica mista, qualitativa e quantitativa. As fontes para as buscas foram revistas dos estudos do lazer e de gênero, pré-selecionadas para a revisão por serem referências de produção acadêmica dentro de suas respectivas temáticas, e também as mesmas utilizadas na revisão que foi referência para esse trabalho. Para as buscas sobre gênero dentro dos estudos do lazer foram escolhidas as revistas *Licere* (Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer) e *Rbel* (Revista Brasileira dos Estudos do Lazer), ambas podem ser acessadas através dos periódicos da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Para as buscas sobre lazer dentro dos estudos de gênero, a revista escolhida foi o *CGD* (Caderno de Gênero e Diversidade - UFBA), essa última foi acrescentada na nova revisão a fim de ampliar o escopo da revisão anterior e verificar se a temática lazer perpassa os estudos de gênero publicados nesta revista.

A revisão foi realizada de forma online, diretamente nos sites oficiais das revistas disponíveis na internet. A busca pelas palavras-chave ocorreu em duas etapas: primeiro, utilizando o mecanismo de pesquisa de cada revista; em seguida, de maneira manual, edição por edição, para garantir que nenhum artigo relevante fosse deixado de lado. Nas revistas voltadas ao lazer, as palavras utilizadas foram “gênero”, “mulher” e “mulheres”. Já na revista dedicada a estudos de gênero, os termos pesquisados incluíram “lazer”, “ócio”, “tempo livre”, “diversão” e “turismo”. A escolha pelas palavras representantes do lazer na busca dentro da revista de gênero é uma tentativa de abranger o maior número de resultados possível, visto que o lazer pode não ser compreendido ou nomeado da mesma forma em diferentes áreas de pesquisa, em comparação ao entendimento consolidado nos estudos do campo do lazer. Dessa forma, a estratégia amplia o alcance da investigação e assegura que variações terminológicas não limitem a identificação de artigos relevantes.

Ainda, nas buscas manuais procurou-se através dos títulos e resumos alguma palavra que remetesse a temática, como práticas e atividades relacionadas ao lazer ou políticas públicas e direitos sociais. Foi ainda utilizado o filtro de tempo para as revistas *Licere* e *Rbel*, definido através do objetivo da pesquisa, um recorte temporal dos últimos cinco anos de produção (2020 a 2025), pois o presente estudo dá continuidade ao recorte da investigação anterior mencionada. Já para o *CDG*, embora a busca tenha sido realizada em todas as suas edições desde o início de suas publicações, em 2015, verificou-se que o primeiro artigo relacionado ao lazer foi publicado em 2018, intitulado “Narrativas sobre a centralidade da mulher numa sociedade atual: perspectivas bororo” (Campos e Grando, 2018). No entanto, para fins de

padronização com o recorte temporal adotado nas demais revistas, foram incluídos na análise apenas os artigos publicados entre 2020 e 2025.

Os artigos foram buscados e separados em duas planilhas, uma onde se encontram os dados mais significativos dos artigos da Licere e Rbel, e outra destinada aos artigos da CDG. As planilhas foram alimentadas com as informações de publicação, título, autores, resumo, link digital e palavras chave. A análise dos dados foi inicialmente realizada por meio da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), seguindo as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Após a leitura dos títulos e separação nas planilhas, a leitura dos resumos direcionou a busca a categorizar os artigos encontrados. Durante a criação das categorias por repetição de temáticas, foi perceptível que não seria possível enquadrar cada artigo em apenas uma categoria, pois há complexidade em discutir apenas gênero sem que se encontre outros marcadores. Com o avanço dos estudos culturais na perspectiva de gênero e raça, as metodologias de investigação se tornam mais flexíveis, abandonando a rigidez categórica em favor da compreensão da subjetividade na interpretação dos dados. Conforme aponta Paraíso (2015) a respeito dos estudos do lazer, a investigação e a discussão de um tema incorporam novos saberes e conexões a antigos conhecimentos, desse modo, a categorização aqui adotada é subjetiva, resultante de um olhar interdisciplinar que articula gênero e lazer.

Foram encontrados ao todo 60 artigos através das palavras escolhidas para a busca, sendo 39 artigos da revista Licere, nove artigos do Caderno de Gênero e Diversidade e 12 da revista Rbel. Dos nove artigos encontrados no CDG, três foram retirados da pesquisa, dois que o termo “lazer” se encontrava apenas na formação dos autores e o outro por ter sido publicado no ano de 2018. Totalizando então 57 artigos dentro da temática. Os artigos identificados foram categorizados em uma macrocategoria principal: “Lazer e Gênero”. Seguindo a organização metodológica, sub-categorizou-se em quatro temáticas recorrentes — Esporte, Política, Interseccionalidade e Trabalho. Essa sistematização buscou garantir maior consistência na análise e facilitar a identificação entre os diferentes enfoques presentes nas publicações.

Tendências

Com o objetivo de verificar as tendências das publicações a respeito de Lazer e Gênero nas revistas investigadas, além de categorizar as temáticas, também foram analisadas as autorias das publicações, averiguando que dos 57 artigos encontrados, 22 são escritos apenas por autoras mulheres, outros 23 são de autoria de mulheres e homens e por fim 12 são escritos

apenas por autores homens. Esses dados revelam que nos últimos cinco anos, as mulheres permaneceram como maioria na autoria das discussões de gênero e lazer, com foco nas mulheres. Assim como revelou o artigo “Os estudos sobre as mulheres no lazer nos periódicos *Licere* e *Rbel*” (Cunha e Carvalho, 2021) sobre a revisão bibliográfica dos anos anteriores, essa pesquisa reitera a crescente participação e continuidade da produção científica de mulheres sobre mulheres.

As autorias de apenas escritores homens são minoria tanto na revista *Licere* quanto na revista *Rbel*, nove em relação a 51 artigos publicados. Destes nove, pelo menos cinco tratam sobre questões de identidade de gênero, mulheres trans e travestis, “Mercado do Sexo e Turismo Sexual” (Zickwolff e Cheibub, 2023), “Reflexões sobre a invisibilidade da mulher negra na divulgação no lazer sexual no complexo de diversões Guaicurus em Belo Horizonte-MG”(Santos, 2024), “Complexo de Diversões Guaicurus” (Santos, 2021), “Lazer, Mulheres trans e Sistema prisional” (Rodrigues, 2023) e por fim estereótipos de gênero e sua influência na fruição do lazer em “Gênero e Lazer” (Fernandes, Stoppa e Uvinha, 2025). Os outros quatro tratam respectivamente sobre: a ocupação de homens e mulheres pretas no futebol “Lugar de preto e preta é na geral” (Ramos e Neto, 2022), o futebol feminino em Coimbra “Ruturas no Lazer Feminino em Portugal” (Graça, 2024), gênero e atividade física em “Atividade Física de Lazer e seu Relacionamento com Gênero e Tempo de Caminhada até o Parque ou Academia” (Rosa, Yamanda e Menuchi, 2023), e por fim, mulheres e o tênis de mesa em “Os Primórdios do Tênis de Mesa Feminino em São Paulo (1902-1952)” (Almeida e Yokota, 2023).

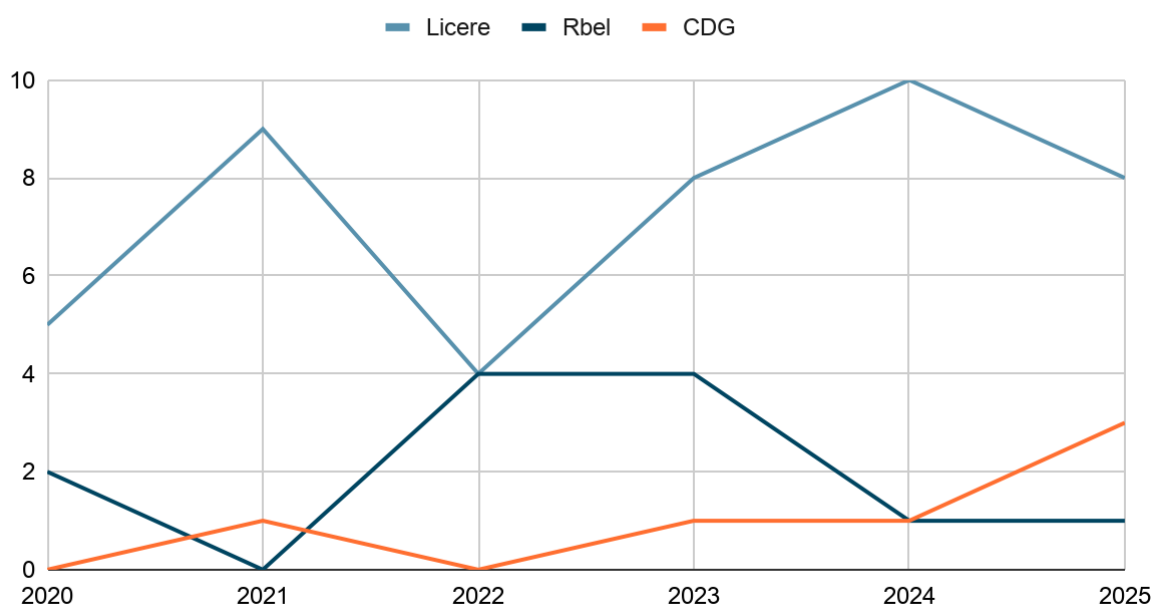
Sobre as autorias de apenas autores homens, o Caderno de Gênero e Diversidade apresenta metade das publicações encontradas, três de seis. Dos três artigos em questão, dois deles tratam de questões de sexualidade e da comunidade LGBTQIAP+, o artigo “A utilização de línguas estrangeiras por travestis brasileiras como estratégia de marketing no turismo sexual na cidade do Rio de Janeiro” (Zickwolff e Cheibub, 2023) tem foco em mulheres trans e travestis, e “Um Alerta para o Mundo”: Gênero e Sexualidade Juvenil no Filme *Kids* (1995)” (Oliveira e Brandão, 2021), tem foco na juventude. E o terceiro trata da relação entre gênero e trabalho, “Entre o trabalho e a casa” (Silva, 2024).

Analisando os temas abordados nos artigos escritos apenas por homens, é possível perceber que as pesquisas tendem a se concentrar em temáticas sobre sexualidade, identidade de gênero e práticas esportivas, indicando que a inserção desses pesquisadores nos estudos de gênero e lazer ocorre, predominantemente, por meio desses objetos de investigação. Embora os dados não permitam identificar as motivações dos autores, tal distribuição pode estar

relacionada à ampliação das discussões sobre diversidade sexual e de gênero no campo dos estudos do lazer - e por consequência à vida dessas mulheres inseridas na comunidade LGBTQIAPN+. É possível também que haja alguma relação entre as publicações de esporte e atividade física e as trajetórias acadêmicas desses pesquisadores, visto que o lazer é frequentemente vinculado à essas temáticas.

Quando o olhar é lançado sobre a quantidade de artigos publicados ao longo dos últimos cinco anos², a revista *Licere* se destaca, publicando anualmente entre cinco e dez artigos que abordam gênero, com exceção do ano de 2022 (quatro artigos publicados a respeito da temática). A análise quantitativa de artigos publicados nas revistas *Rbel* e *CDG* revela tendências distintas. A revista *Rbel* exibe uma diminuição no número de trabalhos ao longo do tempo, registrando 2 artigos em 2020, 0 artigos em 2021, um pico de quatro artigos em 2022 e 2023, e, por fim, uma queda para um artigo tanto em 2024 quanto em 2025. Em contraste, a revista *CDG* demonstra crescimento, com apenas um ou nenhum artigo publicado entre 2020 e 2024, mas um aumento notável para três artigos no ano de 2025, conforme gráfico 1.

Gráfico 1: *Licere*, *Rbel* e *CDG*



Fonte: Elaborado pelas autoras

² A atual pesquisa buscou artigos publicados a partir da data da última publicação revisada no ano de 2020, no entanto para a elaboração do “Gráfico 1” e “Anexo 1” contou com as publicações encontradas anteriormente pelas autoras de “Os estudos sobre as mulheres no lazer nos periódicos *Licere* e *Rbel*” (Cunha e Carvalho, 2021) para que o número fosse fiel ao número de publicações das revistas.

Em relação ao ano de 2022, período que sucede a fase mais aguda da pandemia de COVID-19 (2020 e 2021), nota-se uma redução no volume de publicações da revista *Licere*. Tal cenário sugere duas reflexões fundamentais que ecoam as investigações realizadas durante o biênio pandêmico anterior. O primeiro deles é: em contextos de crise marcados pela precarização das condições de vida e pela centralidade da sobrevivência, o lazer tende a ser relegado a um plano secundário, e o segundo: uma possível sobrecarga no trabalho doméstico que reforça a divisão desigual dos papéis sociais entre homens e mulheres, visto que as principais autoras da temática estariam duplamente sobrecarregadas pela junção dos afazeres domésticos, cuidados familiares e trabalho. Os artigos publicados na revista *Licere* à respeito desse momento, reforçam essa perspectiva nos artigos “A Composição do Tempo Social de Mulheres Professoras Durante a Pandemia”(2024) e “Lazer, Gênero e Pandemia”(2023), abordando como o isolamento social comprimiu o tempo livre de mulheres trabalhadoras na área da Educação e Educação Física, o que pode justificar o menor número de publicações.

Nesse contexto, embora a pandemia tenha restringido significativamente as práticas de lazer realizadas em espaços externos, como viagens, shows, cinemas, parques, clubes e eventos culturais, isso não significou o desaparecimento do lazer, mas sua reconfiguração. Conforme apontam Clemente e Stoppa (2020), o isolamento social aumentou as práticas de lazer desenvolvidas no ambiente doméstico, como o consumo de plataformas de streaming, lives musicais, jogos, culinária recreativa e jardinagem, transformando a própria casa no principal espaço de vivência do lazer. Porém, essa adaptação ocorreu de maneira desigual, ao concentrar no mesmo ambiente as atividades de trabalho, estudo, cuidados familiares e lazer, a pandemia promoveu um reordenamento do tempo cotidiano que afetou de forma mais intensa as mulheres. Segundo Abreu, Marques e Diniz (2020), o isolamento social aprofundou desigualdades já existentes na divisão sexual do trabalho, ampliando a responsabilização feminina pelas tarefas domésticas, pelo cuidado de crianças, idosos e familiares enfermos, além das demandas relacionadas à prevenção da COVID-19. Ainda que as possibilidades de lazer doméstico tenham se ampliado, a sobreposição das responsabilidades reduziu as oportunidades femininas de usufruir desse tempo, mantendo a divisão desigual das tarefas como uma barreira ao acesso ao lazer e reforçando desigualdades de gênero.

Ainda sobre as tendências é possível perceber a recorrência das temáticas que geraram as quatro principais categorias dentro das buscas, como explicitado na metodologia, sendo elas respectivamente: Interseccionalidade (36 artigos), Trabalho (16 artigos), Esporte (12 artigos) e Política (quatro artigos). Além das subcategorias, há duas produções remanescentes que não

apresentaram repetições temáticas como os outros artigos, portanto não se enquadravam nas temáticas predominantes, mas ainda sim se enquadram na macro-categoria “Lazer e Gênero” dessa pesquisa. Os artigos em questão abordam respectivamente: gênero e dança em “Gênero, Dança e Cultura”(Costa e Campos, 2023) e a revisão bibliográfica sobre gênero e lazer “Os Estudos sobre as Mulheres no Lazer nos Periódicos Licere e RBEL” (Cunha e Carvalho, 2021). Estas pesquisas não se enquadram em nenhuma sub-categoria criada pois não tencionam discussões profundas sobre nenhuma das temáticas categorizadas, a revisão é sistematizada e aponta dados e a pesquisa sobre dança tenciona discussões específicas sobre gênero e cultura.

Por fim, é importante ressaltar que dos 57 artigos pelo menos 16 se enquadram em duas subcategorias, sendo frequente as relações Interseccionalidade-Trabalho (oito artigos), Interseccionalidade-Esporte (cinco artigos), Esporte-Política e Interseccionalidade-Política com um artigo cada. Aqueles artigos que são atravessados pela interseccionalidade trazem principalmente os marcadores gênero/raça/classe e identidade de gênero/raça/classe em suas temáticas. Ambas as recorrências corroboram com o que afirma Lélia sobre a tríplice opressão sofrida pelas mulheres negras e de classe mais baixa, com o agravante da identidade de gênero quando se trata de mulheres trans.

Ora, na medida em que existe uma divisão racial e sexual do trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplice discriminação sofrido pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo), assim como sobre seu lugar na força de trabalho. (GONZALEZ, 2020, p. 56).

Política

O Lazer é promulgado na constituição Brasileira como um direito social. O artigo 6º da Constituição Federal de 1988 estabelece que: “são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados”. Portanto, se torna um dever do Estado assegurar acesso ao mesmo para todos, a fim de promover desenvolvimento humano, saúde física e mental, dignidade e qualidade de vida. Etimologicamente a palavra lazer (em inglês leisure e francês loisir) deriva-se do latim licere, que significa lícito, permitido ou ter direito. Apesar disso, “ a existência formal de direitos não garante a existência de um espaço público e aquela sociabilidade política que a prática regida pela noção de direitos é capaz de criar” (Telles, 2006). As discussões sobre mulheres e lazer vêm sendo progressivamente aproximadas dos debates acerca de direitos sociais, cidadania e participação política. As pesquisas evidenciaram uma preocupação em entender de que

maneira políticas públicas, legislações e movimentos sociais incorporam ou deixam de incorporar as demandas relacionadas ao lazer das mulheres.

Parte significativa das produções investiga os limites e possibilidades das políticas públicas voltadas ao esporte e ao lazer, especialmente no que se refere à inclusão das mulheres nesses espaços. As análises sobre a Lei Geral do Esporte descritas no artigo “Nivelando o Campo de Jogo do Direito ao Esporte e Lazer no Brasil?”(Martins e Reis, 2024), apontam que, embora haja avanços legislativos relacionados às questões de gênero, persistem lacunas institucionais que dificultam a efetivação de políticas capazes de enfrentar desigualdades no acesso ao esporte e ao lazer. Outro ponto observado nos artigos é a compreensão da presença feminina em espaços esportivos, como os estádios de futebol, como elemento nas discussões sobre mulheres e lazer na agenda governamental. Os trabalhos encontrados por essa busca, que se enquadram na categoria “Política”, demonstram que a ocupação de mulheres em espaços historicamente masculinizados, produz tensionamentos políticos e sociais, contribuindo para ampliar debates sobre segurança, pertencimento, acessibilidade e direito à cidade. A presença feminina no esporte passa a ser analisada como fenômeno político, relacionado à disputa por visibilidade e legitimidade social.

Algumas das produções como os artigos “Movimentos Sociais de Mulheres e o Direito ao Lazer” (Bonalume e Isayma, 2020) e “Possibilidades de Inserção de Discussões sobre o Lazer para as Mulheres na Agenda Governamental a partir das Punições aos Clubes Athletico e Coritiba”(Figuerôa, 2023) passam a compreender o lazer como ação política em si, especialmente diante da histórica deslegitimação social do lazer feminino.

As pesquisas apontam que o acesso ao lazer pelas mulheres é frequentemente condicionado por normas sociais como a divisão sexual do trabalho, que lhes atribui de forma desproporcional as responsabilidades domésticas e de cuidado. Essa sobrecarga limita o tempo disponível para atividades de lazer e reforça a ideia de que o tempo feminino deve estar prioritariamente voltado para a família e não para si mesmas. Autoras como Heleieth Saffioti (1976) e Silvia Federici (2019) destacam que o trabalho reprodutivo³, historicamente invisibilizado, constitui um eixo central da desigualdade de gênero, impactando diretamente a autonomia das mulheres na gestão do tempo. Além disso, estudos clássicos sobre lazer, como os de Joffre Dumazedier (1976), evidenciam que o lazer não é apenas uma prática individual, mas um espaço social atravessado por relações de poder e desigualdades estruturais. Nesse

³ O conceito de trabalho reprodutivo vem das ciências sociais e da teoria feminista, e se refere às atividades necessárias para manter a vida e reproduzir a força de trabalho, mas que não são reconhecidas como trabalho formal ou remunerado. Silvia Federici (2019) argumenta que o trabalho doméstico é explorado pelo capitalismo como forma de sustentar a força de trabalho sem custos, e que essa exploração está na raiz da opressão feminina.

sentido, compreender o lazer feminino exige reconhecer que ele está imerso em condicionamentos culturais e institucionais que reproduzem hierarquias de gênero e restringem a plena vivência do tempo livre pelas mulheres. Assim, as tendências identificadas no eixo político revelam uma ampliação das discussões sobre lazer para além do entretenimento, compreendendo como direito social, pauta de movimentos coletivos e espaço de enfrentamento das desigualdades de gênero.

Esporte

A categoria “Esporte” aparece em 12 artigos, com um crescente nas publicações a partir de 2020, sendo o futebol o objeto mais recorrente entre os artigos encontrados, evidenciando a permanência dessa modalidade como um dos principais campos de disputa simbólica das relações de gênero no esporte e no lazer. As pesquisas relacionadas ao futebol abordam diferentes porções da participação feminina, desde a atuação de atletas até a presença de torcedoras, árbitras, narradoras e outros relacionados.

Os artigos que se encontram dentro da categoria “Esporte”, discorrem sobre como o futebol foi historicamente construído como um espaço masculinizado, no qual a presença das mulheres foi limitada por barreiras sociais, culturais e institucionais. Essa exclusão se manifesta tanto em normas explícitas, como em legislações que proibiam a participação feminina em competições oficiais (restrição imposta no Brasil entre 1941 e 1979) ⁴quanto em discursos que associam o futebol à virilidade e à identidade masculina. Autoras como Miriam Adelman (2003), Silvana Goellner (2005) e Melo (2009) demonstram que o acesso das mulheres ao futebol não se dá apenas pela prática esportiva, mas também pela disputa de reconhecimento em um campo marcado por desigualdades de gênero.

Dessa forma, o esporte não é tratado apenas como prática de lazer, mas como um espaço atravessado por relações de poder, no qual se manifestam disputas por legitimidade, pertencimento e reconhecimento social. Os artigos “Exposição “futebol feminino e suas nuances em tempos de copa” (Montenegro e Ferreira, 2021), “Torcer, torce, torcedora!” (Mello, 2025), “As mulheres no futebol sob a perspectiva do lazer” (Mourão e Montenegro, 2025) e “Ruturas no lazer feminino em Portugal” (Graça, 2024) contribuem para essa discussão.

⁴ A restrição legal à prática do futebol por mulheres no Brasil se encontra no Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, emitido durante o Estado Novo de Getúlio Vargas. Esse decreto organizava os esportes no país e, em seu artigo 54, estabelecia que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”.

Embora a presença feminina nas práticas esportivas tenha aumentado nas últimas décadas, esse avanço permanece insuficiente diante das persistentes desigualdades de gênero. Apesar da maior visibilidade conquistada em modalidades como o futebol, as mulheres ainda enfrentam barreiras simbólicas e materiais que restringem sua plena participação, como a menor cobertura midiática, a escassez de investimentos e a reprodução de estereótipos que associam determinadas práticas à masculinidade. Ainda que o futebol continue predominante como objeto de análise, os estudos passam a incluir outras práticas esportivas e corporais, como skate, tênis de mesa, eSports e experiências esportivas de mulheres com deficiência nos seguintes artigos: “Mulheres e E-sports” (Moreira e Couto, 2023), “Skate, juventudes e lazer” (Vasques et al., 2024), “Os primórdios do tênis de mesa feminino em são paulo (1902-1952)” (Almeida e Yokota, 2023) e “Esporte como lazer ou alto rendimento e o desempenho ocupacional de mulheres com deficiência visual”(Gottberg et al., 2024). Essa diversificação temática sugere um movimento de expansão das pesquisas sobre lazer e gênero, revelando que o acesso das mulheres ao esporte não se limita ao enfrentamento das barreiras no futebol, mas envolve a disputa por reconhecimento em múltiplos espaços de lazer.

Alguns estudos articulam gênero a outros marcadores sociais, como deficiência, juventude e classe social, evidenciando que as experiências das mulheres no esporte e no lazer não são homogêneas. A presença dessas discussões aponta para um avanço na compreensão das múltiplas desigualdades que atravessam o acesso, a permanência e a participação feminina nas práticas esportivas. Esses estudos demonstram não apenas uma preocupação crescente com o acesso democrático ao esporte e ao lazer, problematizando os limites das políticas existentes e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para usufruir plenamente dessas práticas, como revelam que o acesso das mulheres ao esporte não se limita ao enfrentamento das barreiras no futebol, mas envolve a disputa por reconhecimento em múltiplos espaços de lazer. Adelman (2003) e Goellner (2005) destacam que essa expansão não elimina as desigualdades, mas evidencia a necessidade de compreender o lazer esportivo feminino como campo de resistência e transformação social.

Interseccionalidade

Quando o foco da análise se tornam as subcategorias, é possível observar uma forte incidência da temática Interseccionalidade, são 36 artigos de 57 no total, ou seja, mais da metade das publicações, mesmo que abordem mais de um tema, também tratam de gênero a partir de uma perspectiva interseccional. Aqui há uma diferença explícita entre a revisão referenciada e essa pesquisa, visto que em guisa de conclusão, as autoras denunciam uma

lacuna deixada a respeito da interseccionalidade, apontando uma dominação do feminismo liberal nas escritas e a falta do tensionamento de discussões a respeito da interseccionalidade. Esse expressivo aumento da produção em relação à interseccionalidade surge juntamente com o avanço dos estudos culturais feministas de gênero e raça, como aponta o “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero” (Crenshaw, 2002).

Ao longo da última década, em consequência do ativismo das mulheres, tanto em várias conferências mundiais como no campo das organizações de direitos humanos, desenvolveu-se um consenso de que os direitos humanos das mulheres não deveriam ser limitados apenas às situações nas quais seus problemas, dificuldades e vulnerabilidades se assemelhassem aos sofridos pelos homens. A ampliação dos direitos humanos das mulheres nunca esteve tão evidente como nas determinações referentes à incorporação da perspectiva de gênero (*gender mainstreaming*) das conferências mundiais de Viena e de Beijing. De fato, ao mesmo tempo em que a diferença deixou de ser uma justificativa para a exclusão do gênero dos principais discursos de direitos humanos, ela, em si mesma, passou a servir de apoio à própria lógica de incorporação de uma perspectiva de gênero. Tal incorporação baseia-se na visão de que, sendo o gênero importante, seus efeitos diferenciais devem necessariamente ser analisados no contexto de todas as atividades relativas aos direitos humanos. Assim, enquanto no passado a diferença entre mulheres e homens serviu como justificativa para marginalizar os direitos das mulheres e, de forma mais geral, para justificar a desigualdade de gênero, atualmente a diferença das mulheres indica a responsabilidade que qualquer instituição de direitos humanos tem de incorporar uma análise de gênero em suas práticas.(CRENSHAW,2002, p.2)

Como aponta a obra "Interseccionalidades em pauta: gênero, raça, sexualidades e classe social" (Silva; Silva; Rodríguez, 2020, p.15), diversas correntes feministas propõem novas discussões a partir de uma ótica interseccional. Essa mudança surge da percepção de que o feminismo branco e liberal não aborda a totalidade das opressões sofridas pelas mulheres, sejam elas relacionadas à raça, à classe ou à sexualidade. Exemplos dessas correntes incluem o feminismo negro, o transfeminismo, o feminismo radical e o feminismo marxista. Internacionalmente autoras como Davis (2016), Saffioti (1976), Hooks (1981) e Collins (2016), passam a tensionar discussões sobre o próprio feminismo em relação a tais opressões.

No Brasil, desde a década de 1970, Lélia Gonzalez defende fortemente a pauta racial em relação às mulheres negras e à tríplice opressão: raça, gênero e classe. Antropóloga e ativista, Lélia escreveu diversos ensaios e manifestos levantando questionamentos que tensionam discussões sobre o racismo estrutural e o sexismo entranhados na sociedade brasileira. Sua obra mais atual “Por um feminismo Afro-Latino-Americano”(2020) organizada por Flávia Rios e Márcia Lima, reúne textos e publicações científicas entre as décadas de 1970 e 1990 à respeito da temática.

Numa sociedade onde a divisão racial e a divisão sexual do trabalho fazem dos negros e das mulheres trabalhadores de segunda categoria, no conjunto dos trabalhadores já por demais explorados (afinal, sobre quem recai o peso da recessão?); numa sociedade onde o racismo e o sexismo, enquanto fortes sustentáculos da ideologia de dominação, fazem dos negros e das mulheres cidadãos de segunda classe, não é difícil visualizar a terrível carga de discriminação a que está sujeita a mulher negra. A dimensão racial nos impõe uma inferiorização ainda maior, já que sofremos, como as outras mulheres, os efeitos da desigualdade sexual. Na verdade, ocupamos o polo oposto ao da dominação, representado pela figura do homem branco e burguês. Por isso mesmo constituímos o setor mais oprimido e explorado da sociedade brasileira.(GONZALEZ, 2020, p.109)

Nesta obra é possível perceber a denúncia de Lélia a respeito da vida da mulher negra no Brasil, aponta as problemáticas como: hiperssexualização, dupla jornada de trabalho, salários inferiores em relação a homens pretos, homens brancos e mulheres brancas, dificuldade de acesso à escolaridade e dificuldade na ascensão de classe social. Mas em contraponto também enfatiza a necessidade de se criar um feminismo completamente voltado para as questões das mulheres afro-latino-americanas, exaltando a cultura brasileira e a resistência que há na luta dessas mulheres. Lélia descreve o nascimento de um feminismo interseccional, a partir do MNU (Movimento Negro Unificado), revelando que o feminismo negro no Brasil obteve mais espaço nos movimentos políticos de pessoas pretas do que nos movimentos feministas que eram majoritariamente branco.

A partir dessa perspectiva, ao analisar os artigos encontrados é possível perceber como a Interseccionalidade é uma categoria essencial para as discussões a respeito de gênero, visto que os artigos deixam de tratar a sujeita mulher como algo universal e passa a considerar marcadores sociais tais como raça, classe, sexualidade, identidade de gênero, território e idade. Sendo assim, pelo menos 11 dos artigos abordam raça-gênero, oito abordam questões de sexualidade e identidade de gênero, um aborda ludicidade e mulheres idosas e outro discute lazer para mulheres com deficiência visual. Há ainda artigos que tratam de questões específicas, como as bordadeiras atingidas pelo rompimento da barragem do Fundão em “Invasão de lama da barragem de fundão em Barra Longa (MG) e suas consequências no lazer das bordadeiras desta cidade”(Moraes e Brito, 2025). A diversidade temática abordada na categoria de interseccionalidade apenas reafirma a complexidade do “ser mulher” e sua relação com o lazer.

Os 11 artigos que abordam gênero e raça, partem de diferentes perspectivas, não somente como uma denúncia da tríplice opressão sofrida por mulheres negras (Gonzales, 2020, p. 56), mas também como valorização de experiências de lazer das sujeitas. O artigo “Rompendo os silêncios sobre o perfil do lazer da população negra no Brasil” (Dores e Silva et al., 2022) tensiona discussões sobre as interferências do racismo na vivência de homens e mulheres

pretas no Brasil, no mesmo eixo temático cria-se duas possíveis relações abordadas nas pesquisas, por exemplo a relação esporte-raça, no artigo “Lugar de preto e preta é na geral”(Ramos e Neto, 2022) denuncia questões como hiperssexualização, invisibilidade, discriminação e exclusão simbólica e institucional no espaço de lazer estádio. Já uma outra pesquisa aborda a relação do turismo sexual (trabalho) e mulheres negras, no artigo “Reflexões sobre a invisibilidade da mulher negra na divulgação no lazer sexual do complexo de diversões guaicurus em Belo horizonte/MG”(Santos,2023), explanando os enfrentamentos das mulheres negras neste espaço.

No entanto artigos como: “Relações étnico-raciais, mulheres negras e videogames” (Schwartz et al., 2023), “Mulheres negras e hip hop”(Ribeiro, 2023), “Corpo, gênero e capoeira” (Araújo et al., 2022), “Lazer, cinema e trajetórias socioespaciais de cineastas negras” (Viana e Gomes, 2022) e por fim “O processo de constituição das Deusas do Ébano” (Paula, 2024) levantam pautas como a resistência através da fruição do lazer. Para além da denúncia, há o intuito de elevar a discussão a respeito de raça e gênero, valorizando e cultuando espaços onde mulheres podem seguramente serem protagonistas de seus próprios corpos e histórias e não somente vítimas de uma sociedade racista e patriarcal.

O transfeminismo dialoga com contribuições do feminismo negro, a partir de uma perspectiva de que o “ser mulher” não é universal, questionando a normatividade imposta as mulheres (Jesus, 2014). A diferenciação binária entre homens e mulheres, através do sexo biológico (isto é, a genitália), interfere diretamente na divisão de gênero, produzindo expectativas a respeito dos comportamentos sociais das sujeitas. Como contribui Joan Scott (1995, p.86), “o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos”. Por isso, a partir de uma perspectiva interseccional é necessário questionar as construções acerca do “feminino”, isto inclui a identidade de gênero e a sexualidade das mulheres.

Ainda sobre a categoria “Interseccionalidade”, há nove artigos encontrados por essa pesquisa, que tratam de sexualidade e identidade de gênero, em foco: mulheres trans e travestis e mulheres que se relacionam com outras mulheres (lésbicas, bissexuais e panssexuais). São alguns deles: “Lazer, mulheres trans e sistema prisional”(Rodrigues, 2023), “Complexo de diversões Guaicurus” (Santos, 2021), “As pautas das populações LGBTQ+ nas políticas públicas de lazer do estado de Minas Gerais” (Silva et al., 2025), “Intersecções entre balé, gênero e sexualidade na produção acadêmica no Brasil”(Souza e Camparo, 2021), “Gênero e Lazer” (Fernandes et al., 2025) uma crítica ao lazer a partir da divisão de gênero e sexualidade e “São tudo sapatão” (Klessner, 2021).

As tendências observadas nessas pesquisas apontam principalmente a dualidade entre a ocupação, a disputa simbólica de espaços e as opressões enfrentadas nesses mesmos locais, como por exemplo a relação entre mulheres lésbicas e o futebol, ou o trabalho sexual de mulheres trans e travestis no complexo Guaicurus em Bh-MG e os enfrentamentos diários contra a violência transfóbica. A presença desses nove artigos encontrados nessa nova investigação, evidenciam um crescente da temática LGBTQIAP+, principalmente questões de mulheres trans, visto que a última revisão publicada no ano de 2021 apontou apenas duas publicações, averiguando a falta de discussões a respeito das mulheres na comunidade LGBTQIAP+. Essa foi uma lacuna identificada anteriormente, mas torna-se possível vislumbrar que os estudos do lazer têm se proposto a discutir sobre a temática da sexualidade e identidade de gênero das mulheres e sua relação com o lazer, abrindo caminhos para pesquisas futuras.

A ampliação das produções que articulam gênero, raça, classe, sexualidade, identidade de gênero, deficiência, geração e território evidencia um movimento importante nos estudos do lazer: o reconhecimento de que as experiências das mulheres são marcadas por múltiplos atravessamentos sociais que produzem desigualdades, oportunidades e formas distintas de vivenciar o lazer. Nesse sentido, a interseccionalidade deixa de ser apenas uma categoria analítica complementar e passa a constituir uma ferramenta fundamental para a compreensão do fenômeno do lazer em sua complexidade. Os resultados encontrados demonstram um avanço significativo em relação às lacunas apontadas por revisões anteriores, indicando que as pesquisas recentes têm buscado superar perspectivas universalizantes sobre as mulheres e compreender como diferentes marcadores sociais se articulam na produção de experiências, acessos, exclusões e resistências nos espaços de lazer. Assim, a expressiva presença da interseccionalidade nas publicações analisadas revela não apenas uma tendência teórico-metodológica, mas uma necessidade epistemológica para a análise crítica das relações entre gênero e lazer.

Trabalho

Há uma recorrência também muito significativa que subcategoria, denominada “Trabalho”, com 16 artigos que abordam a temática. Essa recorrência se dá não somente pela relação direta entre trabalho e lazer, mas também e principalmente porque há uma relação significativa entre mulheres e trabalho. Parte dos artigos encontrados nessa categorização, denunciam a dupla jornada enfrentada pelas mulheres, que por consequência sofrem uma deficiência de tempo livre e lazer. O gênero é um forte marcador social que se cruza em

outros eixos fundamentais, como classe e raça, estabelecendo hierarquização ao acesso a recursos, tanto materiais quanto simbólicos. Dessa forma, quem tem acesso ao lazer e tempo livre, está também, exibindo uma posição de poder definida socialmente, enquanto quem está na posição subordina tem seu tempo social invadido e fragmentado, como argumenta Kergoat (2000).

Sob essa perspectiva, o acesso ao lazer não pode ser compreendido apenas como uma escolha individual ou uma questão de preferência. Ao contrário, ele está condicionado pela forma como o trabalho produtivo e reprodutivo é distribuído na sociedade, como argumenta Federici (2017). Mulheres, sobretudo aquelas situadas em posições mais vulneráveis de classe e raça - como abordado na secção da Interseccionalidade - tendem a experimentar maiores limitações para a vivência do lazer.

Os achados relacionados à categoria “Trabalho” encontrados por essa busca, apontam uma forte relação das mulheres com a dupla jornada. Artigos como “O desvelar da mãe solo de crianças atípicas sob a perspectiva feminista”(Júnior et al., 2025) e “Entre o trabalho e a casa” (Silva, 2024), desvelam a falta de tempo das mulheres para o lazer. É possível afirmar que a formação social do sujeito influi em suas escolhas no lazer, não apenas em preferências pessoais, mas também sobre como as construções sociais induzem os sujeitos a agir e a ocupar esses espaços. Bonalume et al., (2023) contribui dizendo que obstáculos como falta de tempo e dinheiro fazem com que exista uma diferença significativa entre o que as mulheres gostariam de fazer em seu tempo livre e o que realmente é praticado. Estes obstáculos se dão por diferentes motivos (considerando outros marcadores sociais além do gênero), mas podemos destacar a divisão desigual de tarefas domésticas e a economia do cuidado (Ribeiro; Assis, 2021).

A pesquisa de “Orçamentos Familiares 2017-2018” da Coordenação de Trabalho e Rendimento do IBGE contribui com esse apontamento, indicando que mulheres gastam em média R\$5,15 reais por mês com lazer, em contrapartida homens gastam R\$9,73 reais. Esses dados revelam que mulheres investem menos em lazer do que homens nos lares brasileiros. Ao analisar esses dados é preciso também considerar que ainda há uma diferença salarial entre homens e mulheres, apontada por dados do IBGE em 2023 (Relatório de Transparência Salarial), a diferença média fica entre 15,8% e 17%.

A economia do cuidado engloba todo o trabalho não remunerado, de forma direta ou indireta (Posthuma, 2021). Essas tarefas limitam a autonomia e tempo disponível, mantendo uma estrutura social que faz com que o espaço ocupado por mulheres se torne um espaço doméstico que restringe suas possibilidades reais de viver o lazer quando comparado aos

homens cisgênero. Não há evidências de mudanças significativas na divisão das tarefas domésticas que acompanhem a maior inserção feminina no mercado de trabalho, mesmo quando ocupadas em tempo integral, as mulheres continuam responsáveis pela maior parte do trabalho não remunerado (Folbre, 2001). A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) realizada em 2022, aponta que dentro da taxa de realização de afazeres domésticos, 79,2% são homens, enquanto 91,3% são mulheres, considerando as atividades realizadas no próprio domicílio ou no de parentes. No que se refere aos cuidados de pessoas, a taxa total é de 29,3%, com participação de 23,3% dos homens e 34,9% das mulheres, envolvendo o cuidado de moradores ou de parentes que não residem no mesmo domicílio. Os dados demonstram uma significativa diferença entre os gêneros em relação às atividades não remuneradas, o que aponta para a persistência de padrões tradicionais do trabalho, nos quais o trabalho não remunerado ainda é majoritariamente atribuído às mulheres.

A divisão do trabalho parte também da divisão de gênero, visto que a imagem do feminino é socialmente vinculada ao cuidado familiar e doméstico, e centralizada no âmbito privado, como afirma Nogueira:

A divisão sexual do trabalho é, portanto, um fenômeno histórico, pois se metamorfoseia de acordo com a sociedade da qual faz parte. Mas, na sociedade capitalista, ainda nos dias de hoje, o trabalho doméstico permanece predominantemente sob a responsabilidade das mulheres, estejam elas inseridas no espaço produtivo ou não. (Nogueira, 2010, p. 1).

Nas últimas décadas, a presença feminina no mercado de trabalho aproximou-se significativamente da presença masculina, ou seja, tantas mulheres trabalhando no âmbito “público” (fora de casa), quanto homens (BONALUME et al., 2023), considerando que a participação no trabalho não remunerado das mulheres é mais acentuada, essa sobrecarga feminina significa disparidade no tempo disponível para a fruição do lazer, (Bonalume; Isayama, 2018). Ou seja, desde a revolução industrial, onde mulheres passam a ser inseridas no trabalho fora de casa, há uma dupla jornada, e uma ocupação significativa do que seria um tempo livre com tarefas domésticas e cuidados parentais. Mesmo compreendendo que o lazer não é apenas um tempo de ócio em oposição ao trabalho, ainda é preciso reconhecer que a sua fruição precisa de tempo para que aconteça. Considerando os achados desta pesquisa, é perceptível que urge a necessidade de denunciar as consequências que a divisão sexual do trabalho influi na vida das mulheres e por consequência na falta de tempo para a fruição do lazer, como tem descrito as autoras e autores das buscas.

Conclusão

Essa pesquisa investigou como as produções acadêmicas recentes têm articulado as discussões entre lazer e mulheres nos periódicos *Licere*, *RBEL* e *Cadernos de Gênero e Diversidade*, analisando tendências temáticas, recorrências e contribuições, a fim de perceber quais as possíveis lacunas e silenciamentos presentes nas publicações entre os anos de 2020 e 2025. A partir da revisão bibliográfica realizada, foi possível constatar um crescimento significativo das discussões sobre gênero nos estudos do lazer, especialmente no que se refere às abordagens interseccionais quando comparado aos anos anteriores (antes de 2020). São 57 artigos encontrados nesta pesquisa que foram publicados nos últimos cinco anos, um aumento significativo de valor entre essa e a última revisão a respeito da temática, que encontrou 38 artigos sobre gênero (mulheres) nas revistas de lazer até o ano de 2020.

A inclusão do *Caderno de Gênero e Diversidade* trouxe à tona um dado relevante: o crescimento das publicações no último período, com três artigos em 2025. Essa tendência sugere que a temática do lazer tem conquistado terreno nos debates de gênero, especialmente focado em mulheres trabalhadoras e mulheres da comunidade LGBTQAPNI+. Contudo, permanece o questionamento sobre a quantidade dessas pesquisas em relação às pesquisas publicadas trimestralmente no periódico, ainda são minoria. Embora se note um aumento nas publicações que relacionam lazer e mulheres nas três revistas, os periódicos de lazer sobressaem na quantidade de publicações sobre a temática. Em contrapartida, no periódico de gênero e diversidade, o lazer permanece como um direito pouco explorado em relação a outras frentes de luta, chamando atenção à limitada visibilidade do lazer enquanto fenômeno social, cuja potência ainda não se encontra incorporada às discussões sobre a vida em sociedade. Portanto, investigar o lazer sob a ótica de gênero é fundamental para expor disparidades e fortalecer a interseção entre as temáticas.

Os resultados a respeito da categorização dos artigos demonstram que a categoria “Interseccionalidade” ocupa centralidade nas pesquisas analisadas, evidenciando um deslocamento importante em relação às produções dos anos anteriores a 2020. As publicações recentes passam a considerar marcadores como raça, classe, sexualidade, identidade de gênero, território, e ainda deficiência e idade, ampliando a compreensão das desigualdades que atravessam as experiências de lazer das sujeitas. A principal temática abordada dentro dessa categoria são as mulheres negras, evidenciando tanto as opressões sofridas quanto os espaços de valorização da cultura e do lazer de mulheres pretas. Nesse mesmo sentido há também a ampliação das discussões sobre sexualidade e identidade de gênero, se destacando como um avanço importante do campo. Em comparação com a revisão anterior, percebe-se

maior presença de pesquisas voltadas às experiências de mulheres da comunidade LGBTQIAP+, principalmente mulheres trans e travestis, revelando uma expansão das agendas de pesquisa sobre lazer e gênero no Brasil. Ainda sim esse é um território que pode e deve ser melhor pesquisado, visto que parte das pesquisas tensionam discussões sobre as opressões sofridas mas não revelam possíveis espaços de fortalecimento e resistência dessas mulheres através da fruição do lazer.

Além disso, observou-se que o esporte permanece como um dos principais espaços de disputa simbólica das relações de gênero, especialmente através do futebol, mas também por meio de outras práticas corporais e culturais como o skate, o tênis e as danças. Da mesma forma, as discussões sobre trabalho evidenciam que a desigualdade na divisão sexual do trabalho impacta diretamente o acesso das mulheres ao tempo livre de obrigações e à fruição do lazer. Nesse sentido, o lazer aparece não apenas como prática cultural, mas como direito social atravessado por relações de poder e desigualdade.

E por fim, outro aspecto relevante identificado na pesquisa refere-se ao protagonismo das mulheres na produção científica sobre gênero e lazer. A maioria das publicações encontradas é escrita total ou parcialmente por mulheres, o que se repete em relação à pesquisa anterior, indicando não apenas maior inserção feminina na ciência, mas também um movimento epistemológico no qual sujeitos historicamente marginalizados assumem a produção de conhecimentos críticos sobre suas próprias experiências. Apesar dos avanços identificados, a pesquisa também evidencia permanências e limitações. Ainda há baixa representatividade quantitativa das discussões de gênero quando comparadas ao volume total de publicações dos periódicos de lazer analisados por essa pesquisa nos últimos cinco anos, sendo entre cinco e dez artigos sobre mulheres em 70 a 80 artigos publicados anualmente na revista *Licere*, e entre um e quatro artigos publicados sobre mulheres anualmente em relação a 20 a 30 artigos publicados na revista *Rbel*.

Além disso, determinadas experiências seguem pouco exploradas, especialmente aquelas relacionadas às mulheres indígenas, mulheres com deficiência, mulheres idosas e mulheres em contextos rurais ou periféricos. Observa-se também uma escassez de investigações voltadas para a compreensão das práticas de lazer efetivamente vivenciadas pelas mulheres em seu cotidiano, bem como dos significados que elas atribuem a essas experiências. Conclui-se, portanto, que os estudos sobre lazer e mulheres vêm passando por um processo de ampliação teórica, metodológica e política, aproximando-se cada vez mais das contribuições dos feminismos interseccionais, negros e transfeministas. Espera-se que esta pesquisa contribua para fortalecer o campo dos estudos do lazer comprometidos com a justiça social,

incentivando novas investigações que problematizem as desigualdades de gênero e ampliem as possibilidades de compreensão do lazer enquanto dimensão da cultura e direito social, e que avancem na compreensão das múltiplas formas pelas quais as mulheres vivenciam, significam e reivindicam o lazer em diferentes contextos sociais.

Referências

ABREU DE OLIVEIRA, Fernanda; MARQUES DE QUEIROZ, Fernanda; DINIZ, Maria Ilidiana. Divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres no contexto da pandemia da COVID 19. *Revista Inter-Legere*, v. 3, n. 28, p. c21486, 2020. DOI: 10.21680/1982-1662.2020v3n28ID21486.

BONALUME, Cláudia Regina et al. Mulheres, trabalho e lazer no Brasil: entre tempos, gostos, desejos e a fruição de um direito. *Revista Estudos Feministas*, v. 31, n. 2, p. 1-16, 2023. DOI: 10.1590/1806-9584-2023v31n283799.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 29 fev. 2026.

BRASIL. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Dispõe sobre a organização dos desportos no Brasil. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, 16 abr. 1941.

COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. 2. ed. New York: Routledge, 2000.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Intersectionality*. Cambridge: Polity Press, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, Chicago, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

CUNHA, Julia Drumond; CARVALHO, Verônica Toledo Ferreira de. Os estudos sobre as mulheres no lazer nos periódicos *Licere* e *RBEL*. *Licere: Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 356-384, 2021. DOI: 10.35699/2447-6218.2021.31339.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e lutas feministas*. São Paulo: Elefante, 2019.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 19, n. 2, p. 143–154, 2005.

GOMES, Christianne Luce. Estudos do lazer e geopolítica do conhecimento. *Licere: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 1–25, set. 2011. DOI: 10.35699/1981-3171.2011.762

GOMES, Christianne Luce. Lazer: concepções e significados. *Licere: Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 1998.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, 2014.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. *Ain't I a woman: Black women and feminism*. Boston: South End Press, 1981.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Transfeminismo: teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (org.). *Dictionnaire critique du féminisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 2000. Tradução de Miriam Nobre, ago. 2003.

MELO, Victor Andrade de. *Mulheres e esporte no Brasil: história e desafios*. Rio de Janeiro: Shape, 2009.

OLIVEIRA, César Luiz de; BRANDÃO, Leonardo. Um “alerta para o mundo”: gênero e sexualidade juvenil no filme *Kids* (1995). *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 7, n. 1, p. 33-45, 2021.

OLIVEIRA, Elisângela Magela. Transformações no mundo do trabalho, da Revolução Industrial aos nossos dias. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 5, n. 11, p. 84-96, 2004. DOI: 10.14393/RCG51115327. Disponível em: *Caminhos de Geografia UFU*. Acesso em: 14 abr. 2026.

POSTHUMA, Anne Caroline. A economia de cuidado e o vínculo com o trabalho doméstico: o que as tendências e políticas na América Latina podem ensinar ao Brasil. In: PINHEIRO, Luana; TOKARSKI, Carolina Pereira; POSTHUMA, Anne Caroline (org.). *Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade: dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerado no Brasil*. Brasília: Ipea; OIT, 2021. p. 65-126.

RIBEIRO, Thamires da Silva; ASSIS, Julio Mendes de. Reflexões sobre o trabalho doméstico e de cuidado não remunerado no Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 12, 2021, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis: UFSC, 2021. ISSN 2179-510X.

RODRIGUES, Felipe Fonseca Oliveira. Lazer, mulheres trans e sistema prisional: um estudo sobre as práticas de lazer na Penitenciária Professor Jason Soares Albergaria. *Licere: Revista*

do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 326-327, 2023. DOI: 10.35699/2447-6218.2023.48248.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

SANTOS, Rafael Rodrigo dos. Complexo de diversões Guaicurus: análise do design em peças gráficas de divulgação do lazer sexual na capital mineira. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SANTOS, Rafael Rodrigo dos. Reflexões sobre a invisibilidade da mulher negra na divulgação no lazer sexual do Complexo de Diversões Guaicurus em Belo Horizonte/MG. Revista Brasileira de Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 207-231, 2023.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: SCOTT, Joan Wallach. Gênero e a política da história. Tradução de Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1995. p. 71-99.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SILVA, Jerônimo Jorge Cavalcante; RODRÍGUEZ, Víctor Manuel Amar (org.). Interseccionalidades em pauta: gênero, raça, sexualidade e classe social. Salvador: EDUFBA, 2020.

TELLES, Vera. Direitos sociais: afinal, do que se trata? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ZICKWOLFF, Erick da Cunha Coelho; CHEIBUB, Bernardo Lazary. A utilização de línguas estrangeiras por travestis brasileiras como estratégia de marketing no turismo sexual na cidade do Rio de Janeiro: uma interpretação baumaniana. Cadernos de Gênero e Diversidade, Salvador, v. 8, n. 4, p. 58-82, 2022.

ZICKWOLFF, Erick da Cunha Coelho; CHEIBUB, Bernardo Lazary. Mercado do sexo e turismo sexual: olhares ampliados. Licere: Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 1-24, 2022. DOI: 10.35699/2447-6218.2022.40761.

Anexo 1 - Quadro de artigos publicados e investigados - Elaborado pelas autoras

Ano	Revista	Títulos	Autoras e autores
2020	Licere	Valeu O Boi! Uma Análise De Gênero Sobre A Prática De Mulheres Na Vaquejada	Anyelle Brito Leite Santos, Tassia De Souza Cavalcanti, Camila Batista Gama Moura, Diego Luz Moura
2020	Licere	Perspectivas Sobre O Lazer Das Mulheres Com A Pandemia Do Novo Coronavírus Reflexões A Partir Dos Dados Da Pesquisa “O Lazer No Brasil - Representações E Concretizações Das Vivências Cotidianas”	Sarah Teixeira Soutto Mayor, Marcília De Sousa Silva, Carolina Gontijo Lopes
2020	Licere	O Lazer Nas Conferências E Nos Planos Nacionais De Políticas Para As Mulheres	Cláudia Regina Bonalume, Hélder Ferreira Isayama
2020	Licere	Da Participação De Mulheres No Futebol Em Barbacena/Mg Nas Três Primeiras Décadas Do Século Xx	Igor Maciel Silva, Maria Cristina Rosa
2020	Licere	Sociabilidade E Lazer Entre Mulheres Camponesas Vivências No Clube De Mães	Josiane Carine Wedig, Angélica Servegnini De Wallau, Ana Flávia Padilha, André Luiz Simonetti
2020	Rbel	Barreiras De Acesso Ao Lazer Das Mulheres Segundo Raça/Cor E Classe Social Nas Regiões Sudeste E Nordeste Do Brasil.	Sarah Teixeira Soutto Mayor, Marília Martins Bandeira, Igor Maciel Da Silva, Edmur Antônio Stoppa, Hélder Ferreira Isayama
2020	Rbel	São Tudo Sapatão	Cláudia Samuel Kessler
2021	Licere	Intersecções Entre Balé, Gênero E Sexualidade Na Produção Acadêmica No Brasil	Maria Thereza Oliveira Souza, André Mendes Capraro
2021	Licere	Complexo De Diversões Guaicurus	Rafael Rodrigo Dos Santos
2021	Licere	Mulheres No Mundo, Na Ciência, Nas Lutas Da Vida	Cáthia Alves, Denise Falcão, Flávia Da Cruz Santos
2021	Licere	Os Significados De Um Projeto De Lazer Para Mulheres Idosas	Luciana Pereira De Moura Carneiro, Raquel Marrafon Nicolosi, Raquel Ribeiro De Souza Silva
2021	Licere	A Composição Do Tempo Social De Mulheres Professoras Durante A Pandemia	Amanda Raquel Rodrigues Pessoa, Marla Maria Moraes Moura, Isabel Maria Sabino De Farias

2021	Licere	Você Iria Sozinha?	Eliene Faria, Naiara Paola Oliveira, Renata Martins
2021	Licere	Os Estudos Sobre As Mulheres No Lazer Nos Periódicos Licere E Rbel	Julia Drumond Cunha, Verônica Toledo Ferreira De Carvalho
2021	Licere	Um Olhar Feminino Sobre A Mestria E A Participação Da Mulher Na Capoeira Da Grande Florianópolis	Samara Escobar Martins, Maria Eduarda Tomaz Luiz, Wihanna De Castro Cardozo Franzoni, Lais Mendes Tavares, Alcyane Marinho
2021	Licere	Exposição “Futebol Feminino E Suas Nuances Em Tempos De Copa”	Nara Romero Montenegro, Maísa Ferreira
2021	CDG	Um Alerta Para O Mundo: Gênero E Sexualidade Juvenil No Filme Kids (1995)	César Luiz De Oliveira, Leonardo Brandão
2022	Licere	Significados E Representações Do Uso Recreativo De Maconha Para Mulheres	Letícia Mara Pereira De Sousa, Cristiane Miryam Drumond De Brito, Alessandro Rodrigo Pedroso Tomasi
2022	Licere	Corpo, Gênero E Capoeira	Pâmela Figueiredo Barbosa De Araújo, Mauro José De Souza, Vitor Hugo Marani
2022	Licere	Lazer, Cinema E Trajetórias Socioespaciais De Cineastas Negras	Iara Félix Pires Viana, Christianne Luce Gomes
2022	Licere	Rompendo Os Silêncios Sobre O Perfil Do Lazer Da População Negra No Brasil	Lucilene Alencar Das Dores, Adriano Gonçalves Da Silva, Danilo Da Silva Ramos, Edmur Antonio Stoppa, Hélder Ferreira Isayama
2022	Rbel	Lugar De Preto E Preta É Na Geral	Danilo Da Silva Ramos, Georgino Jorge De Souza Neto
2022	Rbel	Práticas Corporais No Contexto Do Lazer	Cinthia Lopes Da Silva, Luiz Guilherme Bergamo, Nathalia Sara Patreze, Dariadison Antunes, Rosiane Pillon
2022	Rbel	O Lazer Das Mulheres	Cláudia Bonalume
2022	Rbel	Atividades Físicas No Lazer	Gisele Helena Tavares, Inaian Pignatti Teixeira, Alex Florindo, Ricardo Ricci Uvinha
2023	Licere	Atividade Física De Lazer E Seu Relacionamento Com Gênero E Tempo	Claudio Damião Rosa, André Katayama Yamada, Marcos R. T.

		De Caminhada Até O Parque Ou Academia	P. Menuchi
2023	Licere	Gênero, Dança E Cultura	Igor Henrique Da Costa, Priscila Augusta Ferreira Campos
2023	Licere	Possibilidades De Inserção De Discussões Sobre O Lazer Para As Mulheres Na Agenda Governamental A Partir Das Punições Aos Clubes Athletico E Coritiba	Katiuscia Mello Figuerôa
2023	Licere	Lazer, Mulheres Trans E Sistema Prisional	Felipe Fonseca Oliveira Rodrigues
2023	Licere	Os Primórdios Do Tênis De Mesa Feminino Em São Paulo (1902-1952)	Marco Bettine Almeida, Gustavo Kenzo Yokota
2023	Licere	Lazer, Gênero E Pandemia	Fernanda Santos De Abreu
2023	Licere	Emoções, Gênero E Pandemia	Adrielle Chiesa Gaio, Flávio Py Mariante Neto, Daniel Giordani Vasques
2023	Licere	Mercado Do Sexo E Turismo Sexual	Erick Da Cunha Coelho Zickwolff, Bernardo Lazary Cheibub
2023	Rbel	Mulheres E Esports	João Victor Figueiredo Moreira, Ana Cláudia Porfírio Couto
2023	Rbel	Mulheres Negras E Hip Hop	Bruna D'carlo Rodrigues De Oliveira Ribeiro
2023	Rbel	Relações Étnico-Raciais, Mulheres Negras E Videogames	Gisele Maria Schwartz, Ana Paula Evaristo Guizarde Teodoro, Giselle Helena Tavares, Rubian Diego Andrade
2023	Rbel	Reflexões Sobre A Invisibilidade Da Mulher Negra Na Divulgação No Lazer Sexual Do Complexo De Diversões Guaicurus Em Belo Horizonte/Mg	Rafael Rodrigo Dos Santos
2023	CDG	A Utilização De Línguas Estrangeiras Por Travestis Brasileiras Como Estratégia De Marketing No Turismo Sexual Na Cidade Do Rio De Janeiro	Erick Da Cunha Coelho Zickwolff, Bernardo Lazary Cheibub
2024	Licere	Relações Entre Skate, Gênero E Espaços Públicos De Lazer Em Belo Horizonte	Cecília Isaura De Araujo E Silva, Vitor Lucas De Faria Pessoa

2024	Licere	Momentos De Distinção E Alegria	Letícia Silva Azevedo
2024	Licere	Lazer E/Ou Trabalho	Hélder Ferreira Isayama, Felipe Fonseca Oliveira Rodrigues
2024	Licere	Ruturas No Lazer Feminino Em Portugal	Gonçalo Brito Graça
2024	Licere	Lazer, Gênero E Pandemia	Fernanda Santos De Abreu, Elisângela Chaves
2024	Licere	Esporte Como Lazer Ou Alto Rendimento E O Desempenho Ocupacional De Mulheres Com Deficiência Visual	Julie King Gottberg, Leonardo Martins Kebbe, Regina Yoneko Dakuzaku Carretta
2024	Licere	Nivelando O Campo De Jogo Do Direito Ao Esporte E Lazer No Brasil?	Mariana Zuaneti Martins, Heloisa Helena Baldy Dos Reis
2024	Licere	Estudos Culturais Físicos E Feminismo	Eduarda Carolina Irber, Ábia Lima De França, Vitor Hugo Marani
2024	Licere	Ludicidade E Idosas	Pedro Henrique Bezerra Oliveira Da Silva, Ho Shin Fú, Larissa Da Silva Souza, Marcela Natalia Lima Figueirêdo, Nayana Pinheiro Tavares, Marcílio Barbosa Mendonça De Souza Júnior, Marcelo Soares Tavares De Melo
2024	Licere	O Processo De Constituição Das Deusas Do Ébano	Juliana Araújo De Paula
2024	Rbel	Skate, Juventudes E Lazer	Daniel Giordani Vasques, Júlia Miglioretto, Laura Maia De Área Leão, Victor Hugo Nedel Oliveira
2024	CDG	Entre O Trabalho E A Casa	Parley Lopes Bernini Da Silva
2025	Licere	As Mulheres No Futebol Sob A Perspectiva Do Lazer	Larissa Da Silva Mourão, Gustavo Maneschy Montenegro
2025	Licere	“Torcedor, Torcedor, Torcedora”	Maria Karolinne Rangel De Mello
2025	Licere	Mulheres E Futebol No Brasil	Anderton Taynan Rocha Fonseca, Stephanie De Oliveira Souza
2025	Licere	Invasão De Lama Da Barragem De Fundão Em Barra Longa (Mg) E Suas Consequências No Lazer Das Bordadeiras Desta Cidade	Maira Elisa C. Martins Moraes, Cristiane M. Drumond Brito
2025	Licere	Forasteiras De Dentro	Bruna D’carlo Rodrigues De

			Oliveira Ribeiro
2025	Licere	Gênero E Lazer	Adriano Carlos Nunes Fernandes, Edmur Antonio Stoppa, Ricardo Ricci Uvinha
2025	Licere	Lazer Desgenerificado	Izabelle Cesco De Carvalho, Wagner Xavier De Camargo, Olívia Cristina Ferreira Ribeiro
2025	Licere	Relatos Na E Da Literatura Sobre As Barreiras Ao Lazer Das Mulheres	Vagner Miranda Da Conceição, Júlia Rodrigues De Aguiar
2025	Rbel	Diversidade E Inclusão Entre Profissionais Da Indústria Dos Jogos Digitais	Fernanda Rodrigues Erthal , Rafael Marques De Albuquerque
2025	CDG	O Desvelar Da Mãe Solo De Crianças Atípicas Sob A Perspectiva Feminista	Miguel Ferreira Júnior, Danilo De Freitas Araújo, Renata Figueiredo Anomal, Thaiza Teixeira Xavier Nobre
2025	CDG	Carreira Versus Maternidade	Patrícia Nazário Leal Silveira, Carolina Maria Mota-Santos, Manoel Bastos Gomes Neto
2025	CDG	As Pautas Das Populações Lgbt+ Nas Políticas Públicas De Lazer Do Estado De Minas Gerais	Luiza Cupertino Xavier Da Silva, Cláudia Regina Bonalume, Hélder Ferreira Isayama